

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	SP	04	--	2012	F40	10
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombo Galvão
LOCALIDADE	Quilombo Galvão
MUNICÍPIO / UF	Eldorado e Iporanga/SP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Literatura Oral
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Arminda Neves dos Santos	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
OCUPAÇÃO	Lavadora	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 28/11/1940
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☒ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____	

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**SP 04 -- 2012 F40 10****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

O levantamento das referências culturais quilombolas registrou e reuniu narrativas dos 16 quilombos participantes do projeto. Associada às narrativas está a prática de contar histórias, tendo como veículo a palavra falada. A introdução das escolas nos bairros rurais onde estão localizados os quilombos se deu em momentos distintos do desenvolvimento dos municípios, conforme foram sendo construídos os acessos às localidades mais isoladas. Em comunidades mais afastadas, só agora a alfabetização está em curso efetivamente, de modo que, nesses locais, os adultos tem muito pouca relação com o mundo da escrita. Seus conhecimentos foram adquiridos por meio da transmissão oral do saber acumulado dos mais velhos e pela experiência.

A oralidade característica das comunidades tradicionais é um importante vetor de transmissão de saberes e valores compartilhados, e por meio dela são estabelecidas as normas de conduta aceitas socialmente. Isto se aplica ao conjunto de narrativas recolhidas nos quilombos do Vale do Ribeira. São histórias que percorrem o tempo e o espaço, se proliferam em diferentes versões e se atualizam em toda parte.

As narrativas assumem função lúdica e educativa, atuando na formação moral dos indivíduos. Nelas encontram-se exemplos do que é certo e errado, e o que pode acontecer com aquele que não age adequadamente. Os contextos de enunciação destas histórias são vários. Em situações de encontro comunitário para uma atividade agrícola ou religiosa, em festas, ou simplesmente no âmbito familiar, no espaço doméstico.

"São histórias que eu ouvia. Minha tia me contava, de noite, juntava umas 3 ou 4 pessoas pra conversar e ela contava. Sentava no pé do fogo, em dia de frio, em dia de puxirão, pra contar histórias assim" (Arminda Neves dos Santos, 71 anos, Galvão, 2011).

As narrativas podem ser "causos reais", de fatos ocorridos com parentes, compadres e conhecidos, narrativas míticas que resultam de representações do imaginário local e abordam temas que envolvem criaturas e fenômenos sobrenaturais. Muitas vezes, causo e mito se confundem, impregnando os causos de mistérios e aproximando os mitos da realidade das pessoas. Há também narrativas que se aproximam das fábulas, quando os animais são personagens principais e possuem atributos humanos.

Negrinho d'água, boi-tatá, corpo-seco, saci, capora, curupira, mãe de ouro, boi d'água, mula-sem-cabeça, lobisomem, bruxa. Alguns destes seres são identificados como representações do diabo, são maléficos e possuem poderes mágicos, oferecendo perigo àqueles que com eles se deparam. É comum associar a aparição deste seres no período da quaresma.

Outras explicações para a concentração de ocorrências com visages e assombrações na quaresma referem-se ao fato de, neste período, algumas pessoas desrespeitarem as regras religiosas do período da quaresma, como restrições alimentares e determinadas práticas, aproximando esses seres maléficos dos infratores.

As falas dos mais velhos enfatizam a importância das histórias, da transmissão e a percepção de que o interesse dos mais jovens por este tipo de narrativa está diminuindo.

A seguir, as histórias coletadas no Quilombo Galvão:

Histórias de Negrinho ou Neguinho D'água:

As entrevistas revelaram que as histórias sobre o Negrinho d'água abordam o perigo que os rios oferecem para crianças e canoeiros. As histórias alertam e impõem restrições às atividades nos rios. Não raro, as histórias são narradas para crianças que tencionam brincar na água e estão associadas aos acidentes de canoeiros quando passam por locais encachoeirados do rio ribeira e outros rios navegáveis da região. É possível que, pela descrição física que os quilombola apresentaram do Negrinho d'água, a história seja uma corruptela do mito do Negrinho do Pastoreio, personagem conhecido na mitologia do sul do país. O Negrinho do Pastoreio era um menino negro, escravo, que foi violentamente açoitado e, por milagre, seu espírito retornou, montado a cavalo e é visto eventualmente. Outro mito que possivelmente pertence a este conjunto é do Caboclo D'água, que oferece os mesmos tipos de perigo para os canoeiros da região de Minas Gerais, sabidamente para os canoeiros da etnia krenak.

As versões coletadas em entrevistas com os quilombolas sobre a história do Negrinho D'água são as seguintes:

"Meu tio e minha tia tavam cortando uvá na beira da ribeira. Meu primo carregava pra por na canoa. Daqui a pouco ele olhou e era um menininho bem pequenininho, bem moreninho, escuro mesmo que aparece só o dente. O negrinho chamou o menino pra ir pra água com ele, chamou com a mão e fez "psstst". A minha tia falou "João, venha pra cá, senão ele vai te jogar n'água". Quando o meu tio foi ver, ele já tava em cima da pedra chamando o menininho. Aí minha tia falou pra ele não ir mais pra perto da água sem os mais velhos junto, porque se ele tivesse na beira da água o Negrinho ia puxar. O Negrinho quando chama é para ter companheiro pra brincar com ele. Ele não sabe que gente

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**SP 04 -- 2012 F40 10**

não é da água que nem ele" (Arminda Neves dos Santos, 71 anos, Galvão, 2011)

Histórias da Mãe de Ouro

São comuns referências à Mãe de Ouro em regiões de mineração. Há versões narrativas sobre esta personagem em todo o país. No Vale do Ribeira, histórias de tesouros enterrados são bastante comuns. Há versões em que mãe de ouro aparece como um brilho amarelo dentro da água e versões nas quais a mãe de ouro aparece na forma de uma estrela cadente, também de forte brilho amarelo, que indica locais onde há ouro na terra. A Mãe de Ouro das águas pode ser perigosa, pode atrair as pessoas para o fundo do rio. A estrela geralmente é vista como sinal de sorte. Entretanto, se a pessoa resolve ir ao encontro do ouro no local apontado por ela, corre o risco de se perder.

"Tinha um menino pequenininho que ia todo dia buscar água no córrego da Piririca, na banda onde eu morava. Ele ia e tava uma menina com um ovo bonito, que brilhava. Os dois brincava com esse ovo lá na pedra até que, horas depois, ele voltava. Quando era no outro dia, era a mesma coisa. um dia ele resolveu tomar o ovinho dela, tomou e foi correr. Eles ficaram lutando, ele queria trazer o ovo pra mostrar para os mais velhos, mas não sabia que era ouro. A menina tinha o cabelo tão amarelo que brilhava até, de bonito, sempre com esse ovo, que era uma pedrinha, na mão. Eles lutaram, lutaram e ela derrubou ele na água. Ele viu que não guentava, largou e foi embora. Chegou em casa e ficou aborrecido (doente, machucado). Depois disso não foi muito tempo pra ele morrer. A Mãe de Ouro, quando não consegue levar pra encantar, ela mata a criança. Ela fica só em lugar que tem mina de ouro" (Arminda Neves dos Santos, 71 anos, Galvão, 2011)

História de Saci ou Saci Saperê

No Vale do Ribeira, os quilombolas também contam histórias de saci. Alguns o conhecem por saci-saperê. Nas versões coletadas, o saci pode aparecer como uma criatura extremamente maléfica, associado ao diabo que pode até matar uma pessoa, ou apenas fazendo estripulias, oferecendo perigo principalmente para crianças. Nas descrições, ele figura como um homenzinho ou um menino, preto, com uma perna só, fumando um cachimbo, cachaça na mão, e olhos vermelhos. Em algumas descrições é horripilante. As narrativas sugerem que o saci aparece principalmente para as pessoas que não cumprem suas obrigações religiosas.

"Quando garram a imitar o piado do Sem-Fim (pássaro), ele não gosta. Ele vai ficando nervoso e vai virando num só-de-uma-perna. Uma menina garrou de imitar o Sem-fim e daqui a pouco ele virou saci e foi atrás dela falando "Saci-saperê de uma perna só não pode correr. Ela embarcou numa canoa e ele foi também, na mesma. Aí ela pulou na água e outros canoeiro que iam descendo a Ribeira pegaram a menina com água pelo pescoço já. E o saci tava por riba, avoando. Ela ia correndo, com o irmãozinho nas costas dela" (Arminda Neves dos Santos, 71 anos, Galvão, 2011)

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS****6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

04

--

2012

F40

10

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE****7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990**

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐**8. BIOGRAFIA****9. ATIVIDADE****9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES****9.3. CRONOLOGIA**

DATA

DESCRIÇÃO

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA

ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO						SP	04	--	2012	F40	10
--	--	--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	04	--	2012	F40	10
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
---------------------------------	--

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

SP

04

--

2012

F40

10

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

--

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

--

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

--

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

--

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	SP	04	--	2012	F40	10
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES**17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	10		
PESQUISADOR(ES)	ANNA MARIA ANDRADE, JULIANA FERREIRA, VALDIR RODRIGUES DA SILVA, ILIONILDO APARECIDO DOS SANTOS E JASIEL APARECIDO SANTOS		
SUPERVISOR	Anna Maria Andrade		
REDATOR	Anna Maria Andrade e Juliana Ferreira		DATA 05/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Anna Maria Andrade		